

TRIBUNA LIVRE



IVALDO JORGE MENDES

Distrito de Queimado pode acabar?

O atual distrito de Queimado, a 13 quilômetros da Serra-sede, 156 anos atrás foi cenário da maior revolta escrava já registrada na história do Espírito Santo, a “Insurreição do Queimado”. O pivô do conflito teria sido a violação de um pacto firmado entre o pároco local, frei Gregório Bene, junto aos escravos.

O texto em foco está ancorado no livro “História da Serra”, do historiador Clério Borges, e tem por objetivo refletir o modo que temos tratado a memória e os vestígios da nossa identidade cultural.

Frei Bene propôs erigir uma igreja para São José, mas, para tal, precisava da mão de obra escrava; então, teria pactuado com os negros que rogaria aos senhores a concessão de alforria aos que trabalhassem na obra.

Assim, o projeto teve início em 1845 e os escravos labutaram sem parar, à noite e nas horas de folga, em troca da liberdade. Em 1849, a igreja ficou pronta e a missa inaugural foi marcada para 19 de março, dia de São José, dia da libertação!

Na hora litúrgica, um grupo de escravos armados, certos do apoio do clérigo, adentrou o templo e exigiu dos senhores a cessão das cartas de alforria, conforme o negociado quatro anos antes, mas frei Bene recusou-se a defender os cativos e jurou não estar por trás do motim.

Mesmo surpreso, o grupo não retrocedeu. Convictos de que a causa era justa, fizeram semelhante aos heróis da fé bíblica, “da fraqueza tiraram forças”.

Os mentores da revolta atraíram cerca de 300 escravos para a luta libertária e a ação espalhou-se com rapidez e pôs a região em polvorosa!

A resposta do governo foi imediata e inclemente: frei Bene foi preso e desterrado, as forças legalistas se valeram da crueldade e violência extremadas para conter os revoltosos.

Dois líderes do levante foram condenados à morte na forca: Chico Prego, supliciado na Serra-centro, e João da Viúva, enforcado na Freguesia do Queimado.

Pois bem, hoje, Chico Prego dá nome à Lei 028/95, que promove as artes e a cultura no município e, em memória dos “300

de Queimado”, sua estátua foi colocada no possível local da sua execução, a atual Praça Ponto de Encontro, no centro da cidade.

A escultura do vultoso personagem se encontra fixada rente ao chão, a meu ver, numa condição contraditória ao mérito da homenagem, alvo fácil do vandalismo. Para um melhor realce, valorização turística e proteção do monumento, o ideal seria a feitura de um pedestal, quiçá, cercado ao redor.

No ano em que a Revolta faz 165 anos, um dito popular cai bem neste ensaio: “Povo sem história é povo sem memória, sem futuro”.

Um texto recente, assinado por Ana Bonelli num periódico local, diz que as lápides do cemitério de Queimado já não mais existem; o campo santo encontra-se tomado pelo mato e infestado de vespas; o que restou da igreja, igualmente, está abandonado e, o mais grave, algumas estruturas

afixadas para sustentar as paredes já estão corroídas e ameaçam jogar tudo abaixo a qualquer hora.

A igreja de São José resistiu por um bom tempo e esteve na ativa até início dos anos 1950! Depois, foi abandonada e depredada pelos insanos; hoje, seus fragmentos, fonte potencial para o turismo cultural, apelam à nossa consciência.

A guisa da conclusão, olhar para a Revolta e seu legado cultural na semana comemorativa, com shows musicais e caminhadas noturnas, mas abandonar o patrimônio nos outros 358 dias do ano é uma outra contradição.

A qualquer momento, eles podem nos deixar apenas com a narrativa dos fatos. Se isso acontecer, a posteridade não vai entender por que nada fizemos para evitar.

Evaldo Jorge Mendes é teólogo e historiador



Os mentores da revolta atraíram cerca de 300 escravos para a luta libertária